**Poemas de abril e de Timor** [**https://www.lusofonias.net/mais/poemas-declamados.html#**](https://www.lusofonias.net/mais/poemas-declamados.html)

##### **574. soletras autonomia (lomba da maia, abr 2013) OUVIR AQUI**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2485/574-soletras-autonomia-lomba-da-maia-14-abr-2013.mp4>

ilhas de névoas e gaze

de novelões e conteiras

do verde e do azul

ó gente de negro basalto

quem canta a tua gesta?

terra de maroiços

cais de rola-pipas

mar imenso abraseado

lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes

poetas, pintores e artistas

antero, nemésio e natália

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal

da escravatura da fé

do atavismo ancestral?

soletras autonomia

gaguejas liberdade

titubeias emancipação

com laivos de insubmissão

como a irmã galiza

cicias um 25 de abril

que tarda em chegar

##### **660. demo-cracia, ago 2014**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2493/660-demo-cracia-tanto-mar-moinhos-29-ago-2014.mp4>

tanto mar, tanto sal

tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império

depois finou-se a ditadura

hoje agoniza a democracia

sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo

sonha-se poesia e utopia

como se ainda houvesse esperança

ou o político se vestisse de anjo

por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal

tanta dor em Portugal

##### **469.II DIA DE ENGANOS**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2482/4691-dia-de-enganos-abr-1-1976-dia-de-enganos-abril-1976.mp4>

nesse dia acordou irritado

logo por azar estremunhado

notaria a seu lado

a mulher

morta há dez anos

os ossos espalhados pela cama

pressupunham aqui e além um certo descuido

mas que diabo!

voltou-se para a janela

tentando adormecer uma vez mais

invariavelmente o fazia em dias como aquele

foi então

que atiraram a bola à vidraça

o quarto ficou estrelado

mil sóis recortavam-se no ladrilhado

esforçou-se por manter a calma

ocultou a face no travesseiro

agarrou a almofada

freneticamente

num esgar sensual

ao longe tiniam campainhas

não havia dúvidas

iria ser um dia mau

decidiu-se a folhear o matutino

recusou-se a acreditar

limpou os óculos

estava lá

sem engano possível

em título de caixa alta

em editoriais se consagrava

o sonho supremo da humanidade

por decreto presidencial

dum senhor que ninguém elegera

ia ser promulgada e publicada

no diário da governação

com força institucional

A DEMOCRACIA

em termos mui solenes

o governo advertia

dentro de 24 horas

em cerimónia apropriada

nascia a democracia

e zás! nem quis ligar a televisão

quieto e calado tresleu

era demais!

violento choque!

democraticamente

sem se dar conta

caiu para o lado com um baque surdo

morreu na cama

e em jejum

democrata de nascença.

##### **577. aviso à navegação, 25 abril 2013**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2470/577-aviso-a-navegacao-25-abril-2013.mp4>

aos saudosistas, salazarentos

e outros democratas

de geração instantânea

25 de abril é uma data que respeito,

devolveu-me a liberdade de expressão

que não tinha ao nascer

e só porque gente houve

a trair e abusar desse ideal

não vou deixar de acreditar nele...

continuo sonhador, poeta e utópico...

na minha mente e nos meus atos

será abril sempre

##### **646. Enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2490/646-enquanto-dormias-a-nova-escravatura-chegou-nov-2013.mp4>

nenhum de nós é livre

enquanto ao teu lado

houver fome

miséria

desemprego

hoje são os outros

amanhã serás tu

passaram 40 anos

nenhum de nós é livre

enquanto abril não se cumprir

##### **438.3 habito uma ilha, dili, abr. 4, 1974**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2468/4383-habito-uma-ilha-dili-abr-4-1974.mp4>

oito séculos

história ao desbarato

missionante império

memórias de povo

sem novas gestas

colonizante cansaço

precoce esquecimento

(multi)raciais sociedades

para colorir

(pluri)continentais

para exportar

e um discurso mais

prisões

medos

silêncios

quarenta-e-oito-invernos

e os infernos?

- HABITO UMA ILHA –

##### **452. memórias. (díli, abril 1975)**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2480/452-memorias-dili-abr-13-1975.mp4>

ave louca

sinusoide voo

rias-te

nem sabias de quê

era já o fumo

olhos e mãos, baça voz

gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo

a imponderabilidade

a curva obscena dos corpos

na posse do mundo

estávamos e éramos

coloridos e diáfanos

queimávamos identidades

alguém cantarolava

palavras

desconexas

inúteis

carícias

premeditadamente esquecidas

ela se levantou

e a víamos como se não fosse

isto é

criada no instante mesmo

hesitante

avançando pela janela

ninguém a abrira

seria talvez noite

transcendental o país

bebedeiras de amor

roteiros estelares

no suor do regresso

como se nunca partiras

no sorriso distante, nos teus lábios

cresceram da criança os olhos

encheu-se a sala

frágeis gestos

alguém ousara!

na rua um escape

no silêncio do grito

a regra é saber que horas são

ou o medo

a vertigem

a regra do pavor

o voo de ficar

céleres que nem imagens

falam de nós

no teto branco nu

ou somos

desirmanados

no frémito que nos invade

a resposta recusada

texto ou resumo

a vida violada.

##### **547. eleições sem lições em timor (lomba da maia) 8 julho 2012**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2491/547-eleicoes-sem-licoes-em-timor-lomba-da-maia-8-julho-2012.mp4>

*díli, 23 setº 1973 cheguei hoje a timor português*

*a vinda marcará a minha vida para sempre*

*sem o saber nunca mais nada será igual, o futuro começa hoje e aqui*

*entrei no tempo da ditadura sairei na democracia adiada*

na bagagem guardo sabores

imagens e odores

sonhos de pátria e amores

divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas

parti rebelde revolucionário

tinha uma voz e usei-a

tinha pena e escrevi sem parar

pari mais livros que filhos

para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura

24 de luta independentista

agora que a lois vai cheia

e não se passa na seissal

já maromác se apaziguou

crescem os lafaek nos areais

perdida a riqueza do ai-tassi

gorada a saga do café

resta o ouro negro

para encher bolsos corruptos

sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas

sem luz, água ou telefone

repetindo gestos seculares

mascando sempre mascando

o placebo de cal e harecan

mas com direito a voto

para escolher quem o vai explorar

sob a capa diáfana da lei e ordem

do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

##### **704. 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.2018**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2495/704-25-abril-sempre-ate-quando--lomba-da-maia-25-abr-2018-.mp4>

a mulher doente

hoje não cumprirei a tradição

nos moinhos de porto formoso

não erguerei o meu cravo vermelho

pelo abril que imaginei

a saúde de ambos necessita terapia

não há medicina para estas maleitas

há 44 anos que acredito

sem arrependimentos

hoje incréu interrogo

quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre

na mente e nos desejos

da liberdade, igualdade, fraternidade

falta nascer o homem novo

a sociedade nova

o mundo remoçado

que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias

neste outono de vida

um 25 de abril sempre

mas com poesia

##### **550. timor nas alturas julho 2012**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2476/550-timor-nas-alturas-lomba-da-maia-15-julho-2012.mp4>

queria subir ao tatamailau

pairar sobre as nuvens

das guerras, do ódio, das tribos

falar a língua franca

para todos os timores

queria subir ao matebian

ouvir o choro dos mortos

carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco

consolar as vítimas de liquiçá

beber o café de ermera

reconstruir o picadeiro em bobonaro

tomar banho no marobo

ir à missa no suai

buscar as joias da rainha de covalima

passar a fronteira e voltar

chorar todos os conhecidos e os outros

e quando as lágrimas secassem

regressaria à minha palapa imaginária

à mulher mais que inventada

oferecer-lhe um pente de moedas de prata

percorrer as suas ribeiras e vales

sussurrar por entre as folhas do arvoredo

navegar nos seus beiros

rumar ao ataúro e ao jaco

desfrutar a paz e as belezas ancestrais

ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam

os insetos projetados contra as janelas

atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira

todos se lembram menos tu

##### **445. para que não digam, 25 setº 1974**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2479/445-para-que-nao-digam-25-set-1974.mp4>

*ao dr buceta martins, fascista dos antigos*

*na direita o fáscio, na esquerda o chicote*

*o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam

a mordaça acabou

a voz é livre

o futuro é novo

pintaremos o silêncio

que nos impõem

calaremos os sonhos

dos jornais que lemos.

sabemos nossa a vitória final

ou talvez não

cântico da luta

a palavra ressuscitada

aqui Timor aqui díli

o fáscio perene fidedigno

insuspeito nos bastidores

da obsoleta ordem nova

este mundo sem denúncia

porque o medo

sem progresso

porque o interesse

sem abril

porque os cravos murcham

nas estrelas da rosa-cruz

o trabalho é um dever divino

de obediência

perdida no espaço

já que tempo nunca teve

esta a terra dos parasitas

inaptos

corruptos

exilados das grandes batalhas

aqui o poder discricionário

o absentismo forçado

a passiva repressão

uma-a-uma todas as vozes silenciadas

o charco estagnou

idólatras do verde rubro

simbolistas de fé nenhuma

tiranos cujos ecos nos perseguem

mijai-vos de indignação

babai-vos de orgulho insalubre

a grande farsa acabará um dia

sem a razão

única e arbitrária

sufocados pelos gritos de piedade

afundar-vos-emos na merda que vos sustenta

e alimenta

vingar-nos-emos com o riso aberto sem incriminações

aqui Timor

aqui díli

a voz colonial da oceânia.

##### **442. prazeres sem orgasmo (díli, abril 25, 1974)**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2469/442-prazeres-sem-orgasmo-dili-abr--25-1974.mp4>

pragmática palavra o som primeiro

hierático sorriso impresso

das crianças suburbanas subalterna vida

nas ruínas de lata o bairro

obscura idade do gesto habitante incómodo

ódios ignotos do ócio

ilhas à deriva plasmando a cidade

cerca da fome a fadiga desnuda

dos olhos a sombra

- este o uterino vértice - ex/ato

heréticas noites de silêncio ex/voto

ignaras letras excitadas o infólio

tamanho normal de povo no estertor

- É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ

PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO -

a mulher vulgar objeto

a televisiva fonia de anestesiar

amorfa consciência o pesadelo

cercearam irredutível ascensão

o plano antigo inclinado em queda abrupta

h2 = a2+b2 a razão inversa

do quadrado da hipotenusa a concêntrica marcha

relógio imperfeito da geração perdida

ao limiar do ser o haver

cerco do universal enfado indizíveis cansaços

- tranquidolente marasmo mais um dia

na nudez proverbial deste povo

construtor ingénuo

de prazeres sem orgasmo ou de orgasmo sem prazer?

##### **515. a nau sem escorbuto 24 ago 2011**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/1402/515-A-NAU-SEM-ESCORBUTO-AO-ZE-NUNO-DA-CAMARA-PEREIRA--24-AGOSTO-2011.mp4>

arribou nesta praia deserta

a nau sem escorbuto

sem mastro nem pendão

sem carga nem marinhagem

sem especiarias do oriente

nem arroz do sião ou malaca

sem pérolas de ormuz

nem diamantes da índia

sem cavalos das arábias

nem marfim das áfricas

fôra de cochim a meca

de ternate a timor

sem compradores

nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta

longe do mar eritreu

há mouros e judeus conversos

cristãos por batizar

os senhores dos açores

ocupam lugares de proa

a barlavento das gentes

não vieram de calecute

nem estiveram em cipango

não cuidam da pimenta do reino

da noz-moscada, do cravo-da-índia

do açafrão, anis, gengibre e canela

não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,

que não é terra de gentios

chamam-lhe sua e de mais ninguém

como samorim a regem

feitos marajás em palácios

ofertam bugigangas aos nativos

promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia

frente à seteira

em castelo sem pendão

envio migas de letras

a todos sem literário pão

crónicas avulsas de vidas vividas

pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome

do frio que aí vem

das vacas que se foram

do leite que não mungiram

dos campos que não araram

das colheitas que não comeram

feliz vota nos que prometem

sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias

mutilados e estropiados

cá já temos sem-abrigo

drogaditos e malfeitores

assaltantes, meliantes

económicos dissabores

da troica que tudo leva

e cobra dívidas que herdamos

de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham

nem procissões e andores

preces e velas acesas

romeiros de todas as dores

somos um povo infeliz e abúlico

sem sonhos nem destemores

vergados ao duro peso

de vis especuladores

da história magnânima

nem sombras restam

nem bardos nem cantores

nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos

erros grosseiros

enganos ledos

sem naus nem caravelas

sem espadas nem aduelas

sem especiarias nem língua franca

cantando fados a tétis com paixão

com futebol e telenovelas

e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo

sofre consternado

às dívidas acorrentado

à mingua de dízimos e outros enfados

sem contar os créditos mal parados

come demagogia e paga iliteracia

santa liberdade e democracia

chora lágrimas de crocodilo

lendo jornais desportivos

com as letras aprendidas

nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades

vendia os anéis e comia os dedos

emigrava quando podia

queixava-se da sorte caipora

temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara

timidamente na crise despontara

bancos enriqueciam na austeridade

à custa da plebe e do suor já suado

de brandos costumes acostumado

não descera às ruas este povo

faltava-lhe força e inteligência

nem era gleba de novo

antes novos-ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis

em terra de pagãos e infiéis

não daria berloques aos nativos

apenas a chibata e o chicote

as grilhetas de trabalhos cativos

sem abrigo nem culote

e um poeta solitário

no alto do seu castelo

gritava a bom gritar

mas não o ouviam as massas

sem perder tempo para se educar

e acreditavam nos seus donos

compradores de votos

com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado

há muito inculto e estiolado

ia fenecendo devagar

sem gente para o cuidar

e dos vindouros muitos virão

dizer que o poeta pressagiava

o fim desta bela nação.

##### **573. fados e sambas (lomba da maia, abr 2013)**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2483/573-fados-e-sambas-lomba-da-maia-5-abr-2013.mp4>

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

cantigas ao desafio

cantorias desgarradas

os corpos e as palavras

pintam realidades inesperadas

todos ficam todos partem

em dia de são vapor

tão longe sempre perto

em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

manta remendada de nove cores

tapete voador da saudade

sementes da memória

nas paredes do tempo

rasgando o silêncio

mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril

filho de muitas ilhas

choro este fado

##### **594. autonomias nominais junho 2013**

##### [**https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2505/594-AUTONOMIAS-NOMINAIS-MOINHOS-6-junho-2013.mp4**](https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2505/594-AUTONOMIAS-NOMINAIS-MOINHOS-6-junho-2013.mp4)

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”*

*voltaire*

hoje acordei sem voz

sem mãos,

sem pés

sem coração.

habito nove ilhas de mil cores

arquipélago de mil autores

num fiasco de autonomia

pobreza sem alegria

na independência poucos confiam

em busca de subvenções porfiam

melhor é ficar mudo e quedo

viver dos subsídios esmoleres

submissos e acomodados

pobres despreocupados

servos enfeudados

ingénuos explorados

na eterna espera de godot

de um mandela que não nasceu

assim se explicam os açores

ilhas de mil e uma dores

##### **627.2. à Galiza (moinhos, agosto 2013)**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2494/6272-a-galiza-moinhos-16-ago-2013.mp4>

imagino a galiza

de cravo e bandeira na mão

gritando a plenos pulmões

que a liberdade é merecida

que a rua é dos poetas

que o 25 de abril não é de todos

mas será sempre para todos

mesmo para aqueles que o negam

imagino a galiza

de manifesto e megafone na mão

declamando a poesia da alforria

das conquistas irreversíveis

quando os esbirros vierem

feitos controladores do pensar

sei que ela estará lá

e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar

será poema e arma

e o corpo desvanecido

será escudo e estandarte

para que a liberdade não morra

nem haja estertor do povo

com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala

e a voz dos poetas

troa mais que a da bala

##### **475. NASCEM OS DIAS,** Porto, julho, 10, 1976

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2481/4751-nascem-os-dias-porto-julho-10-1976.mp4>

suburbanamente vives

renasces quotidianamente

no sol que te alimenta

te transporta

hábitos comprimidos no sono

cheiras a cama

correndo te perdes

te cansas

nascem os dias na cidade

em cada rua

esquina

no matraquear lento dos minutos

nos acotovelámos vorazes

por entre a sandes e o copo de leite

a grande corrida no relógio das veias

e já somos o rebanho

e o cansaço

triturados no suor do trabalho

na lufa do jantar

um marido às prestações

os filhos endormentes

a televisão deserta

o sono

cansados os corpos

desconhecidos repousam

até um dia

amor

e chamar-se-à liberdade

nos dormitórios da cidade

o silêncio nos embala

sem voz que se erga

nos sonhos

que nos proíbem

sem que a desfraldemos

no edifício dos corpos

a alegria das bandeiras

neste país dos cravos

as lágrimas vermelhas do seu sangue.

##### **738 imarcescível 22.5.2022**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2499/738-imarcescivel-22-maio-2022.mp4>

imarcescível quis ser

escrevi livros, plantei árvores e tive filhos

lavrei no granito natal

os meus petróglifos de nazca

em timor dissipei-me na areia branca

em bali fui hippie em kuta beach

em macau fiz tai chi no lou lim iok

na austrália nadei em rottnest island

em bragança renasci transmontano

e no basalto açoriano gravei

imperecíveis poemas

este o improvável epitáfio

##### **739. outro epitáfio 25.6.2022**

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2500/739-outro-epitafio-25-jun-2022.mp4>

ser velho é isto

olhar para a parede que já foi branca

contar os traços quase a atingir 26645

já pouco espaço resta para mais traços

cada um deles um dia

uma alegria mil tristezas

sonhos que se esfumaram

sonhos nunca sonhados

que se concretizaram

sonhos recorrentes

nunca atingidos

subidas aos sete céus

descidas a mil infernos

a certeza inabalável

de ter feito a diferença

no carneirismo cinzento

a ovelha negra

no meio do rebanho

sem medo

dos cães pastores

de seus dentes ameaçadores

sem temor da chibata do pastor

e para epitáfio

um “smile” gigantesco

de desdém, de zombaria

##### 737. nem guerra nem paz 10.3.2022

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2504/737-nem-guerra-nem-paz-10-marco-2022.mp4>

já não quero salvar o mundo

nem salvar o planeta

nem salvar-me a mim

não quero salvar nada

não quero guerra nem paz

nem capitalismo nem comunismo

nem nenhum outro ismo

nem quero acabar com a fome

ou a sede ou a pobreza

quero voltar à pureza original

da infância e da ingenuidade

em vez de estar aqui velho

à espera que nos matem a todos

##### 721. à nini 25 anos de casados, 26 anos de partilhas 3.4.2021

<https://www.lusofonias.net/arquivos/444/poemas-declamados/2456/721-A-NINI-25-ANOS-DE-CASADOS-26-ANOS-DE-PARTILHAS-342021.mp4>

eram catos eram cardos

vidas antigas, pesados fardos

eram espinhos eram picos

tua memória de saltos hípicos

de vidas esfrangalhadas e desperdiçadas

fizeste juras de amor encarniçadas

eram catos eram cardos

nem todos os gatos são pardos

deles fizeste orquídeas e cravos

de teus beijos guardo os travos

eram catos eram cardos

a tuas promessas de brocados

do teu sorriso fiquei escravo

sem apelo nem agravo

eram catos eram cardos

entoei poemas de bardos

cantarolámos primaveras e verões

em mui tórridos serões

sem arrependimentos nem dores

preservamos nossos amores

em versos de rimas tortas

abrimos todas as portas

***FIM da poesia para os 50 ANOS de abril***